XXIV Domingo Comum A 2017



**«IGREJA DO PORTO**

**vIVE ESTA HORA»!**

Dom António Francisco, Homilia em Fátima, 9.9.2017

**MONIÇÕES E INDICAÇÕES PARA A CELEBRAÇÃO**

**Entrada: “***Perdoar de todo o coração*” (Mt 18,35) é a medida desmedida do amor de Deus por nós, desse Amor divino, “que *tudo desculpa, tudo espera e tudo suporta*” (I Cor 13,7). E se o rancor ou a ira, o ressentimento ou a vingança, se apoderarem do nosso coração, é bom lembrarmo-nos do nosso fim, para deixarmos de ter ódio; é salutar pensarmos na morte, para guardarmos os mandamentos (*Sir* 28,6-7). O pensamento da morte é, na verdade, princípio de sabedoria. Neste dia da ressurreição, que é também o 7.º da morte súbita do nosso bispo, a certeza da morte e a esperança da ressurreição têm também a força de mudar o nosso coração, para prosseguimos o caminho, movidos pelo amor de Deus.

**Confissão:** Porque não podemos de modo algum pagar a Deus a dívida, contraída pelos nossos pecados, reconheçamos então que somos pecadores e confiemo-nos à infinita misericórdia de Deus. Confessemos os nossos pecados…

**Kyrie**

**Prefácio Dominical VI E Oração Eucarística III**

**Pai-Nosso:** “*É perdoando que se é perdoado*”… como é “*morrendo, que se ressuscita para a vida eterna*”. Com estas disposições do coração, rezemos a oração que o Senhor nos ensinou.

**Rito do Envio na Missa de Domingo, às 10h30** (cf. pp.7-8).

**Despedida:** Movidos pelo amor de Deus, ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe!

**Homilia no XXIV Domingo Comum A 2017**

7.º dia da morte de Dom António Francisco

**1.** Tivemos o nosso 11 de setembro! Não caíram torres gémeas, não houve sismos, nenhum furacão deu à costa! Não houve nenhum ataque terrorista. Mas a cabeça do ministério apostólico da nossa diocese caía por terra! A morte súbita do nosso bispo, Dom António Francisco, abala profundamente a sua amada diocese do Porto; deixa em choque a Igreja em Portugal, com réplicas de lágrimas, por Lamego, Braga, Aveiro e pelo país inteiro. Na verdade, um abalo imenso estremece o coração de uma enorme multidão, de homens e mulheres, que foram alguma vez acariciados pela sua quase infinita bondade, de todos aqueles a quem reconhecia o rosto e chamava pelo nome, por quem se interessava, de perto e em concreto. Um ataque fulminante traía o coração do nosso bom pastor, que nos amou tanto, “*tanto que o coração não aguentou mais*” (Dom António Taipa)!

A notícia chega mais veloz que um relâmpago e provoca um turbilhão de emoções, de recordações, de gratidões, como se todos e cada um tivessem uma bela história de vida e de amizade, uma palavra, uma carícia, um gesto de atenção concreta e de bondade, para contar e agradecer, acerca deste grandioso Bispo do Porto, um *bispo sábio e bondoso*, que se despedira da sua Diocese, em Fátima, num largo abraço, para assim nos confiar à Mãe do Senhor, como Jesus ao discípulo amado.

Foi aliás esse o evangelho proclamado na belíssima celebração, em que nos deixara uma espécie de testamento pastoral: “*Igreja do Porto: Vive esta hora, que te chama, guiada pelas mãos de Maria, a ir ao encontro de Cristo e a partir de Cristo a anunciar com renovado vigor e acrescido encanto a beleza da fé e a alegria do Evangelho. Viver em Igreja esta paixão evangelizadora é a nossa missão. A vossa e a minha missão*”!

**2.** Neste domingo, que é também o do 7.º dia da sua morte, a vida bela, o mesmo é dizer, a *vida santa* do nosso querido bispo, resume-se nas palavras lapidares do Apóstolo Paulo: “*se vivemos, vivemos para o Senhor, se morremos para o Senhor. Quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor*” (Rm 14,7-8). Ele viveu como Pastor que conhece, guarda e dá a vida por cada uma das suas ovelhas, sem se poupar. *Viveu para o Senhor*, porque viveu d’Ele e viveu n’Ele, para nós. E assim morreu, dando tudo, dando-se todo! Morreu assim, não para desaparecer, não para deixar ficar apenas na retina dos nossos olhos o seu sorriso, ou a sua bondade, na memória eterna dos nossos corações. *Morreu para o Senhor*, para que, no Senhor, a sua vida consumida por nós, seja consumada por Ele, e se torne vida plena, definitiva, coroada de honra e de glória.

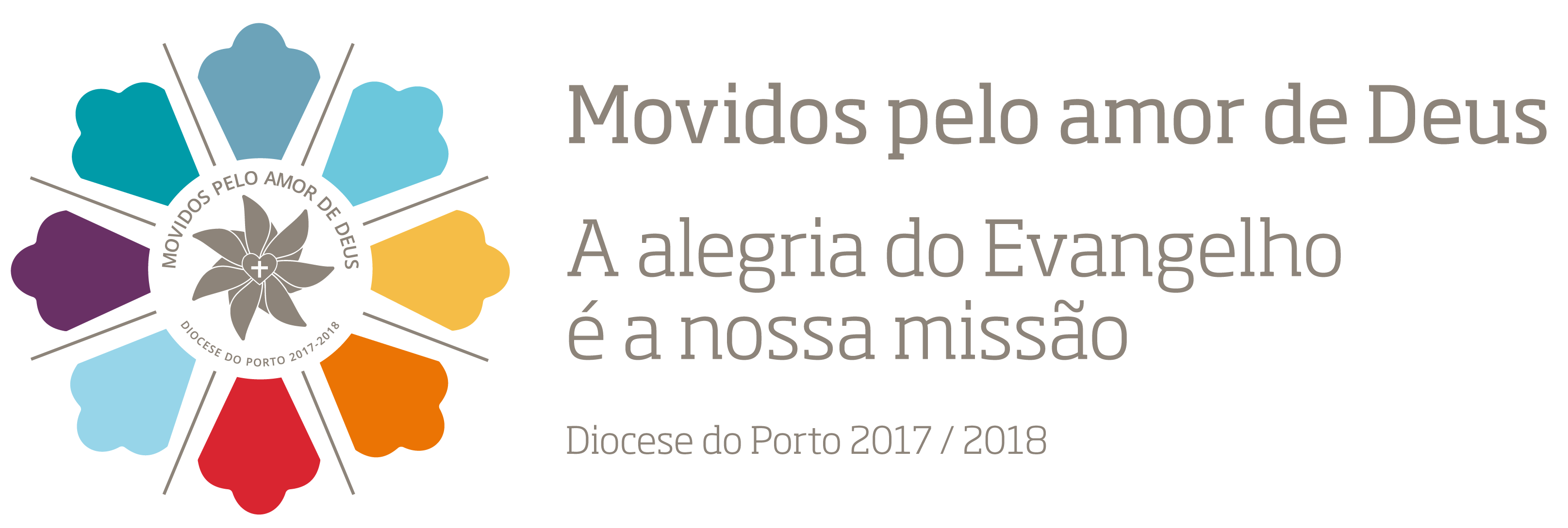
**3.** “*Se vivemos, vivemos para o Senhor, se morremos para o Senhor. Quer vivamos quer morramos, pertencemos ao Senhor*” (Rm 14,7-8).

Irmãos e irmãs: o Senhor é a origem e a meta, o princípio e o fim da nossa Vida! D’Ele vimos: é d’Ele que recebemos esta Vida. Para Ele vamos e n’Ele morremos, porque só n’Ele a nossa vida se realiza e finaliza. E, entretanto, como disse o mesmo Apóstolo, é o mesmo Senhor a fonte e o sustento, o alento e o alimento do nosso viver, pois “é *n’Ele que nos movemos, somos e existimos*” (At.17,28). Sim, é n’Ele que nos movemos!

**4.** “*Movidos pelo amor de Deus*” (2 *Cor* 5,4): eis o lema deste ano pastoral 2017/2018, que não vamos deixar ficar no papel, mas que queremos assumir e cumprir, com renovado entusiasmo, dando corpo e vida ao plano diocesano de pastoral, *[para o qual tanto trabalhei, com outros colegas, ao lado do nosso bispo, que ficava ora na retaguarda, ora adiante, mas sempre por perto, de olhos visionários. Fui muitas vezes o seu lápis e a sua folha, o confidente e o amanuense dos belos sonhos que Deus lhe inspirava, para a esta Igreja do Porto. Não sei como o hei de agradecer[[1]](#footnote-1)]*.

**5.** Escutemos e vivamos, pois, o testamento pastoral do nosso bispo, em Fátima, como um desafio irrenunciável: «*vamos partir daqui movidos pelo amor de Deus, para que cresça, no Porto, [e na nossa Paróquia], “uma Igreja bela, verdadeira casa de família, sensível, fraterna, acolhedora e sempre a caminho, mãe comovida com as dores e alegrias dos seus filhos e filhas, cada vez menos em casa, cada mais fora de casa, a quem deve fazer chegar e saber envolver, na mais simples e comovente notícia do amor de Deus*” *(cf. CEP, Carta Pastoral, 16.7.2010). Como disse de modo extraordinariamente belo e sucinto [aqui], em Fátima, o Papa Francisco: “o rosto jovem e belo da Igreja que brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor* (Plano Diocesano de Pastoral 2017/2018, pág. 45)».

Foi assim que ficou a Igreja do Porto: *pobre de meios*, porque nos sentimos órfãos de um pai amoroso, de um mediador atento, de um pastor tão bom. Mas *rica de amor*, pela sua imensa bondade, cujo perfume se derrama agora por toda a parte. Ele partiu. E nós ficamos, com Ele, junto de Deus, a interceder por nós, para que levemos por diante os seus belos sonhos, agora e sempre “*movidos pelo amor de Deus*”.



Oração dos Fiéis

P. Ao Senhor nosso Deus, clemente e compassivo, confiamos as preces do seu povo pecador:

1. Pela Igreja bela de Jesus Cristo:

para que se torne verdadeira casa de família,

sensível, fraterna, acolhedora

e sempre a caminho. Oremos, irmãos.´

1. Pela nossa amada Diocese do Porto:

para que viva esta hora difícil,

fazendo da alegria do evangelho

a sua paixão e a sua missão. Oremos, irmãos.

1. Pelos que governam as nações:

para que promovam a civilização do amor,

do diálogo, do perdão e da paz. Oremos, irmãos.

1. Pelo bom êxito do ano escolar, pastoral e laboral:

para que a luz da fé e da razão iluminem a nossa mente,

o amor de Deus mova os nossos corações

e dê vigor ao trabalho das nossas mãos. Oremos, irmãos.

1. Por todos nós:

para que saibamos fazer chegar e envolver a todos,

na mais simples e comovente notícia do amor de Deus.

Oremos, irmãos.

P. Ouvi, Deus de bondade as nossas preces, não em razão dos nossos méritos, mas segundo a largueza do vosso perdão, que se revelou na Cruz do Vosso Filho Jesus Cristo, Deus convosco na unidade do Espírito Santo. R. Ámen.

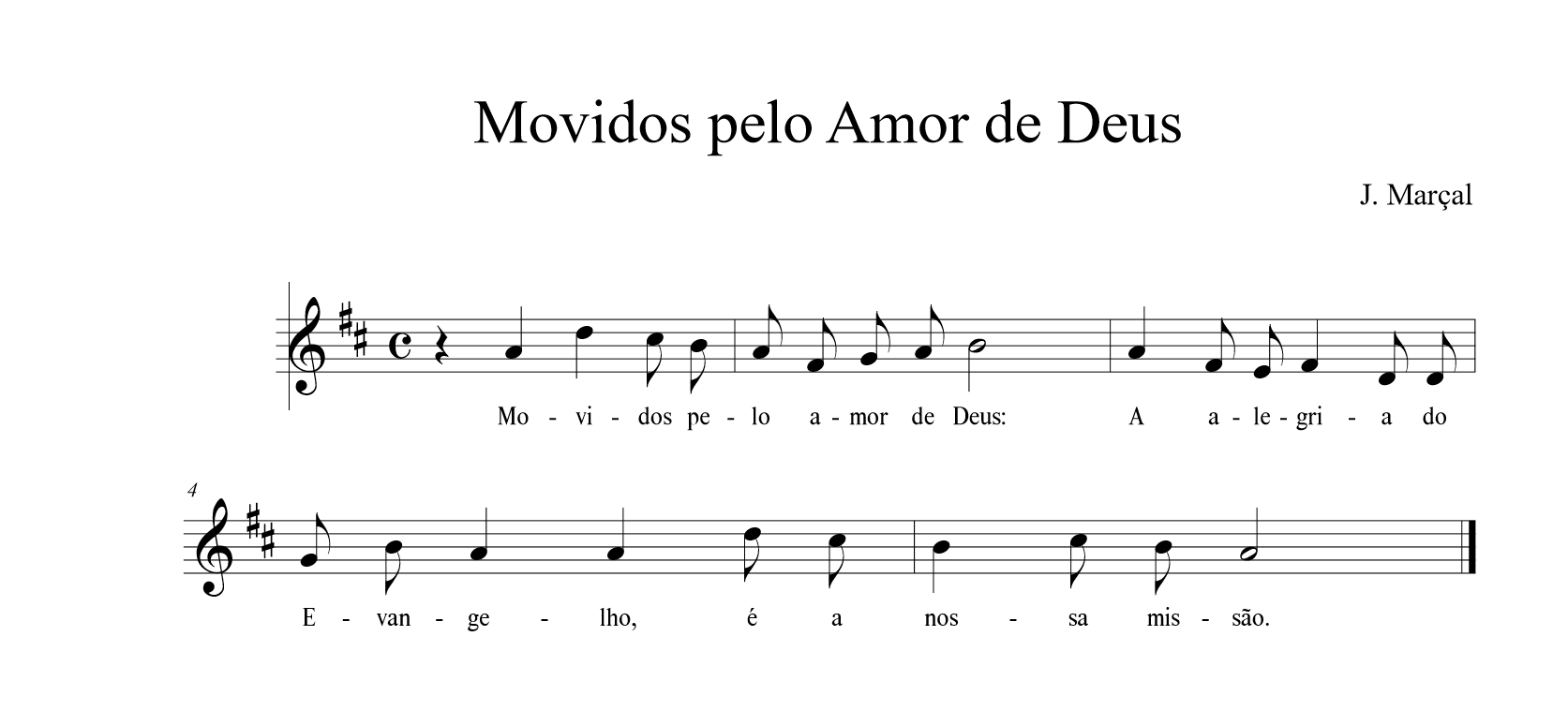
**Rito do Envio – Missa com a Catequese – Domingo, às 10h30**

P. Irmãos e irmãs: é muito importante “*que a vida da comunidade entre e se reflita na catequese*” (CEP, A catequese, alegria do encontro, n.º 26). “*Hoje têm de ser os filhos a levar os pais ao reencontro com Deus, convencendo-os a participar em tudo o que faz parte da catequese, que pedem para os filhos*” (Ib. n.º 35). Por isso, peço que se levantem os pais, ou quem os represente, e que respondam diante de toda a comunidade, que é “*origem, lugar e meta de toda a catequese*” (DGC 217.254).

- Caríssimos pais, queridas famílias, dizei-nos: movidos pelo amor de Deus, quereis ser para os vossos filhos as primeiras e insubstituíveis testemunhas da fé, no amor que Deus nos tem?

Pais: **Sim, queremos.**

Refrão:



P. Caríssimos catequistas, levantai-vos! Para vós, vai toda a nossa gratidão pelo bem que fazeis aos catequizandos e às suas famílias, à comunidade cristã e à sociedade em geral. O vosso serviço «*é um bem que acaba sempre por reverter em vosso próprio bem*” (CEP, A catequese, alegria do encontro, n.º 52). Dizei-nos:

- Movidos pelo amor de Deus, fonte da ação evangelizadora, quereis fazer do anúncio do evangelho a primeira caridade e da caridade o primeiro anúncio?

Catequistas: **sim, queremos.**

Refrão:

P. Caríssimos meninos e meninas, queridos adolescentes: é com alegria que vos acolhemos e enviamos. A Catequese é um “*itinerário que atinge a cabeça, o coração e as mãos*” (Ibidem, nº 26). Não queremos apenas conhecer uma doutrina, queremos descobrir uma Pessoa, encontrarmo-nos com Jesus. Não queremos apenas sentir o amor de Jesus e o amor a Jesus, mas queremos dar e abrir as mãos, para viver aquele amor, que nasce e se alimenta deste encontro com Cristo (Ibidem, n.º 21). Levantai-vos e dizei-nos de viva voz:

- Movidos pelo amor de Deus, quereis fazer da eucaristia dominical e da catequese semanal a experiência da alegria do encontro com Jesus Cristo?

Catequizandos: **sim, queremos.**

Refrão:

P. Caríssimos irmãos e irmãs, queridos diáconos e acólitos, queridos leitores e cantores, queridos animadores da caridade, demais servidores pastorais da comunidade e todos os féis batizados. Levantai-vos. E dizei-nos:

- Movidos pelo amor de Deus, quereis edificar esta comunidade cristã da Senhora da Hora, como casa e escola de comunhão, vivendo o centenário da paróquia como fontenário de renovação pastoral?

Todos: **sim, queremos.**

Refrão:

P. Agora, os pais ou quem os representa, ficam no interior desta Igreja, para uma breve conversa comigo. Os diversos grupos de catequese vão sair, à medida da chamada que iremos fazer, por anos e por grupos. E agora o diácono despede a assembleia.

**Despedida:** Movidos pelo amor de Deus, ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe!

**HOMILIAS DESTE DOMINGO**

**EM OUTROS ANOS LITÚRGICOS**

**NOTA: EM 2014 FOI A FESTA DA EXALTAÇÃO DA SANTA CRUZ**

Homilia no XXIV Domingo Comum A 2011

1. Nem um grego se veria hoje tão grego, para saldar uma dívida assim! Aquele servo, sem coração, de que nos falava a parábola, tinha uma dívida, diríamos hoje, equivalente a um orçamento de Estado. Podia vender todo o património, mulher e filhos, que não chegaria, para o poupar a uma desgraça irreparável. Só um perdão, numa medida sem medida, o podia salvar da falência de uma vida, que era um poço sem fundo! E foi aquele perdão maior que a dívida, um perdão sem prazos, sem juros e sem condições, que o pôs em liberdade! Porque afinal, todos sabemos, que há tantas coisas na nossa vida, que nunca podemos pagar, saldar ou reparar, e que só o perdão nos pode curar, valer e salvar!

2. Mas, ao contrário do que se esperava, este servo mau, perdoado em milhões, não perdoa tostões, numa dívida equivalente a cerca de três meses de salário. Está visto, que o servo mau, não se deixou nunca mover, nem comover, pelo excesso daquela tão inusitada generosidade, com que foi perdoado, pelo seu senhor! Este homem não é capaz de perdoar ao seu devedor, porque, ao fim e ao cabo, nunca se deixou verdadeiramente perdoar e transformar pela graça do perdão recebido! E, por isso, donde se esperava perdão, veio a vingança. Donde se esperava misericórdia, sobreveio a impiedade! A triste cena resulta numa lição clara: só na medida em que sou tocado e transformado pelo perdão de Deus, é que estou realmente capacitado, para oferecer o perdão ao próximo!

3. Irmãos e irmãs: Esta parábola, lida e ouvida, neste dia 11 de Setembro, dez anos depois dos atentados às torres gémeas de Nova York, resulta numa ironia, com alguns pontos de interrogação: *A vingança ainda é solução, para reparar o mal passado? Ou o perdão é o único caminho com futuro?* Uma década bastou para responder: A vingança do país atacado não anulou a maldade do terrorismo agressor. Ontem, como hoje, só o perdão é capaz de pôr um limite ao mal! Ocorre-me, aqui, o testemunho, de uma jovem judia, desaparecida no trágico anonimato de Auschwitz em 15 de Setembro de 1943. Escreveu Etty Hillesum no seu Diário: “*Eis o que quero dizer: a barbárie nazi pode despertar em nós outra barbárie, que podia utilizar os mesmos métodos se pudéssemos fazer hoje o que desejamos. Devemos extirpar esta barbárie de nós mesmos. Se o não fazemos, o Mundo não dará um passo para sair do atoleiro em que nos encontramos”.*

4. Mas esta parábola é medicinal, para todos nós, que nos julgamos, vítimas de dívidas impagáveis ou de ofensas inapagáveis. Jesus sabe que a ira e o rancor são coisas detestáveis. E que a vingança, que não dá lugar ao perdão, faz mais mal à vítima, do que a ofensa do agressor! Por isso, gostaria de concretizar, a graça do perdão, em três afirmações tão simples, como exigentes:

1. Primeiro: Perdoar faz-nos bem! A ira e o rancor fazem mal ao coração! Podemos até reagir, à primeira, com cólera, indignação, revolta. Mas se, por fim, não perdoarmos, tudo e sempre, estragamos o nosso coração. Deixamos que a ofensa recebida, se torne, no íntimo do coração, uma espécie de ferida mal curada, um vírus maligno em expansão, que nos rói e destrói. Quem não perdoa faz mal a si próprio, alimenta o veneno que o mata. Quem não sabe perdoar, pode ficar ferido para sempre. Alguém disse: “*Queres ser feliz um momento? Vinga-te! Queres ser feliz sempre? Perdoa*” (Henri Lacordaire)!
2. Segundo: Perdoar é necessário, para conviver, de maneira saudável: *na família*, onde os choques da vida diária podem gerar frequentes tensões e conflitos; *na amizade e no amor*, onde é necessário saber actuar diante do engano, das humilhações e infidelidades; *em múltiplas situações da vida*, em que temos de reagir, perante agressões, injustiças e abusos. A negação do perdão poderá parece-nos então, a solução mais justa e normal, mas não é aquela que nos humanizará, ou salvará o mundo. Um casal sem mútua compreensão destrói-se; uma família sem perdão é um inferno; uma sociedade sem compaixão é desumana. Que seria do mundo, se apenas houvesse a justiça e o castigo? Que seria de nós, sem o perdão? Olhai: sem o perdão dos outros, sem o perdão aos outros, sem o perdão de Deus, para uns e outros, a nossa vida seria irrespirável! Só o perdão a torna viável e saudável!
3. Terceiro: Perdoar não significa branquear o mal, ignorar a injustiça, esquecer tudo, como se nada nos tivesse acontecido! Não. Ao dom do perdão recebido, corresponde o dever da reparação, o esforço da mudança, o sinal da conversão. Mas, ninguém espere, do outro lado, essa resposta, para dar o passo maior do perdão. No fim de tudo, e sempre, é preciso saber: ninguém paga ou apaga o mal feito, com um pedido de perdão e um esforço de reparação. Só o perdão, que dá mais do que aquilo que perdeu, pode curar o coração, de quem é ofendido e de quem nos ofendeu.

5. Meus queridos irmãos e irmãs: Com grande sabedoria, o povo judeu inicia o seu Ano Novo, nos princípios de Outubro, com dez dias de arrependimento, até chegar ao Dia e à Festa do Grande perdão. Eles perceberam, que não é possível a uma pessoa, a uma família, a um povo, a uma nação, avançar juntos, sem começar por uma limpeza e uma revisão completa do coração! É imperioso transformar pedras na mão ou no sapato, em paz e perdão. Curiosamente, João Baptista e Jesus começaram também a sua actividade de pregação, com um apelo ao arrependimento, em resposta à oferta do grande perdão de Deus.

No início de um novo ano, escolar, laboral e pastoral, façamos todos a experiência do grande perdão! Atiremos ao chão todas as pedras, que nos pesam no coração e em que pode tropeçar o nosso irmão. Dêmos as mãos, a um perdão, que já perdeu a conta! O perdão é o dom mais rico do amor, que só Deus torna possível ao nosso pobre coração!

**Oração dos fiéis** – XXIV Domingo Comum

*– adaptado da oração de João Paulo II, no final do Angelus,*

*no dia seguinte ao atentado de 11.09.2001*

P- Irmãos e Irmãs: com grande apreensão, diante do horror da violência destruidora, mas fortalecidos pela fé, que sempre orientou os nossos pais, voltemo-nos para o Deus de Abraão de Isaac e de Jacob, salvação do seu povo, e com confiança de filhos supliquemos que venha ao nosso encontro:

**1.** Pelas Igrejas do Oriente e do Ocidente, e em particular pela Igreja que está nos Estados Unidos da América: para que alimentem nos corações dos fiéis, desejos de reconciliação e de paz, e se dediquem à reconstrução da civilização do amor. Oremos irmãos.

**2.** Pelos responsáveis das nações, para que não se deixem dominar pelo ódio e pelo espírito de vingança, façam tudo para evitar que as armas destruidoras voltem a semear o ódio e a morte. Oremos irmãos.

**3.** Por aqueles que choram e se encontram na dor pela morte violenta de parentes e de amigos: para que não se deixem dominar pela amargura, pelo desespero e pela vingança, mas continuem a ter fé na vitória do bem sobre o mal, e se comprometam na construção de um mundo melhor. Oremos irmãos.

**4.** Pelos feridos e pelos sofrem por causa dos actos terroristas insensatos: para que alimentem nos seus corações desejos de edificação, de colaboração e de serviço em favor de todas as formas de vida, livres de rancores e de sentimentos de vingança, tornando-se operadores de justiça e construtores de paz. Oremos irmãos.

**5.** Por todos nós e por todos aqueles que têm o nome de cristãos: para que, no meio de uma humanidade, cheia de incompreensão e de ódio, continuemos a ser testemunhas da presença de Deus na história, e da vitória de Cristo sobre a morte. Oremos irmãos.

P- Deus omnipotente e misericordioso, quem semeia a discórdia não Vos pode compreender, quem ama a violência não consegue receber-Vos: olhai para a nossa dolorosa condição humana, provada por ferozes actos de terror e de morte, confortai os vossos filhos e abri os nossos corações para a esperança, para que o nosso tempo conheça dias de serenidade e de paz. Por Cristo, nosso Senhor!

HOMILIA NO XXIV DOMINGO COMUM A 2005 **[[2]](#footnote-2)**

Sete vezes, parece-nos de mais! Setenta vezes sete, qualquer coisa de excessivo. Se uma dívida de dez mil talentos, é muito grande, o perdão de tal montante, é realmente um desconcertante excesso de generosidade!

[1. A parábola, em resposta à pergunta de Pedro, põe, em evidência, a absoluta incapacidade do servo, para saldar a sua dívida, diante do seu senhor! Nenhum prazo, nenhuma quantia, nenhum negócio, nenhuma garantia, nenhum empréstimo, nenhuma lotaria, chegariam, para o livrar de alienar a sua própria vida. Nem toda a sua vida inteira, com os seus teres e haveres, seria bastante, para resgatar a sua dívida! Eis que perante o drama daquele homem, sem saída, condenado a morrer endividado, de todo incapaz de se redimir, o senhor daquela parábola, acaba por não fazer contas, no ajuste final de contas! Simplesmente, diz a parábola «*encheu-se de compaixão, deu-lhe a liberdade e perdoou-lhe a dívida*». O perdão não é algo merecido, não é algo comprado, nem vendido. Não é negociado. É simplesmente dado. O perdão dá-se. É-nos dado e com ele é a própria vida, o nosso próprio ser, que é resgatado. Ninguém pode pagar o resgate da sua vida! “*Que pode o homem dar em troca da sua vida*”?!

2. De resto, não há sequer comparação entre a dívida e o perdão, ou se quiserem, não há proporção entre o delito e a graça. Ninguém tem o suficiente, para saldar a sua dívida, diante de Deus. Como ninguém é capaz de pagar e reparar inteiramente o mal feito ao seu irmão. No fundo, para restaurar a relação, só resta o perdão. A parábola mostra-o claramente: o perdão é absoluto e gratuito dom do amor; o perdão é a manifestação, por excelência, de um amor excessivo, que não espera paga, nem retribuição. A graça deste perdão, que é perdão de graça, constitui esse excesso redentor. São Paulo dirá muito simplesmente: “*onde abundou o pecado, superabundou a graça*” (Rom.5,20).

3. Caríssimos irmãos: No primeiro acto desta parábola, o perdão, aparece-nos, à evidência, como um excesso do dom, do dom do amor. Não há perdão, quando há uma simples “*reparação*” do mal, ou uma mera “*retribuição*”, ao ofendido. Nada pode “*pagar*” ou “*reparar*” o mal feito. Só o perdão, como dom de graça e dom da graça, pode ir além da paga, do mérito, da retribuição e da reparação e chegar à cura e à salvação. O amor dá sempre mais que o merecido. Paga sempre mais, que o devido. Vai mais longe, que o exigido. São Paulo disse-o bem: «*o amor tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*» (I Cor.13,7).

4. Mas este perdão, por mais gratuito e excessivo que seja, em relação à nossa realidade, *não é mágico nem automático*! O perdão recebido é dado, em ordem a possibilitar e a operar a nossa transformação. E há-de manifestar-se depois em perdão oferecido. De resto, a Igreja sempre associou o dom do perdão, ao nosso propósito de mudança e, por consequência, à exigência do cumprimento de uma penitência. Senão, o dom em excesso, tornar-se-ia graça recebida em vão!

A prová-lo, está a triste figura do mesmo servo, no segundo acto do drama, exposto pela parábola. Tendo sido perdoado, pelo seu senhor, muito para lá de qualquer limite e sem qualquer retribuição, ele é agora incapaz de perdoar, por algum tempo, uma dívida insignificante, ao seu próprio devedor. «*Mandou-o prender, até que pagasse tudo o que devia*». E por isso, na conclusão do terceiro acto deste drama, o desfecho é tremendo: «*o senhor indignado entregou-o aos verdugos até que pagasse tudo o que lhe devia*».

5. Neste servo, vê-se bem quanto a “*a ira e o rancor são coisas detestáveis. E como o ímpio é mestre nelas*” (Sir.27,30). Ora o perdão que nos é dado, não se destina a “*esquecer*” o mal feito, ou a “*ignorar*” a ofensa recebida, ou a adiar a necessária “*conversão*”. O perdão é dado, para ajudar à transformação da própria vida. E, por isso, esse perdão, que é dom, chega também por meio da própria força do bem concreto. O sábio desmascara esta exigência: “*um homem guarda rancor contra outro e pede a Deus que o cure*?» (Sir28,3).]

6. Queridos irmãos: o perdão parece-nos e aparece-nos sempre como um excesso! Os próprios apóstolos, perante esta “*excessiva*” exigência do amor, reagem, suplicando-Lhe: «*aumenta a nossa fé*» (Lc.17,5). Permiti-me resumir, em sete afirmações, o significado prático do espírito de quanto acabámos de reflectir:

1. Ninguém dá o que não tem. Para perdoar ao próximo, é preciso ter feito a experiência de ser perdoado por Deus! Ora não há experiência de ser perdoado, sem a consciência de ter falhado. Quando verdadeiramente fui tocado pelo perdão de Deus, estou então transformado e capacitado, para oferecer o perdão ao próximo, na certeza de que Deus está unido a cada ser humano, sem excepção!
2. O perdão é um acto de humildade. Humildade, diante de Deus, pois o perdão que sou chamado a dar, não é nada, comparado com o perdão, que preciso de receber! Humildade diante do próximo, pois perdoar implica reconhecer ao outro o direito de falhar e dar ao próximo a oportunidade de recomeçar. Para o fazer, preciso de reconhecer em mim próprio a mesma capacidade de falhar, e uma superior necessidade de ser perdoado!
3. Por isso, ainda que não me pareça, é bem mais fácil “oferecer o perdão” do que pedi-lo. Quando o ofereço, é o outro que está em questão e que me cabe aceitar, com amor. Quando o peço, sou eu que reconheço ter falhado e preciso de ser amado. Por isso, quando sou ofendido, devia dar graças, mais do que lamentar-me. Devia compadecer-me mais do que indignar-me, pensando: é bem mais desgraçado, está bem pior, quem falhou e me ofendeu; e por isso, bem mais necessitado de compaixão do que eu.
4. O perdão é um dom excessivo, pelo qual o outro, é amado, é aceite, não por já ter pago tudo, não por ter merecido, não por ter retribuido. O mal não se anula pela mera reposição das coisas no seu lugar. Só o amor, recria todas as coisas. O mal só se vence com o bem. “*Por mais radical que seja o mal, nunca é tão profundo como a bondade*”. E nesse sentido, perdoar não significa pactuar com o mal; o perdão, implica igualmente a justiça, a reparação, a restituição. a satisfação de uma penitência, a prática do bem, como sinal de conversão e remédio de salvação.
5. A paz, como fruto do perdão, exige um compromisso de todo o nosso ser, reclama toda a nossa pessoa. O perdão não é uma desculpa da boca para fora. Não é tão pouco um fechar os olhos ao que está mal. É um acto que brota “*do íntimo do coração*”. Perdoar implica *dar-se* pelo outro! Permitir ao outro, pela força deste amor, voltar a ser o que era.
6. Perdoar não é “*esquecer*”. Porque esquecer é ignorar. É passar ao lado ou por cima. É deitar para trás das costas. Ao contrário, perdoar é recordar. Recordar de maneira diferente. Implica a cada um, pôr-se diante do outro, e exige de ambos, porem e exporem diante de Deus, o pecado de cada um! E então aí, perceberem a comum condição de pecadores e a certeza de que a culpa nunca é solteira!
7. O perdão é um dom de graça e da graça! Jamais se pode dar ou alcançar o perdão de coração, sem a graça de Deus. É-nos dado perdoar e sermos perdoados. Sem esse dom, que perdoa, a nossa vida tornar-se-ia insuportável. Por isso Jesus nos ensinou, na oração do Pai-Nosso, não só a pedir o pão de cada dia, mas também, para cada dia, “*o perdão das nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido*” (Mt.6,12). Pois, como disse São Francisco, “*é perdoando que se é perdoado*”… como é “*morrendo, que se ressuscita para a vida eterna*”.

Homilia no XXIV Domingo Comum A 2002

Ora, «**setenta vezes sete**» não é uma conta que se faça de cabeça. Porque o perdão – está visto – é uma operação sem cálculo do coração, e resulta simplesmente do amor elevado ao infinito. E por isso não conhece limites. Nem se ajusta à lógica humana do deve e haver. Do receber ou merecer. É um dom gratuito do amor. E por isso um dom total e absoluto, da parte de Deus. E espera-se igualmente que, desmedido e do íntimo do coração, da parte dos homens. Eu, para não baralhar mais as contas, era capaz de dizer sete pequenas coisas, sobre o perdoar «*setenta vezes sete*»:

**1º.** É mais fácil, na linguagem civilizada do nosso tempo, pedir desculpa do que pedir perdão... A desculpa é um gesto de cortesia. O perdão parece e aparece, diante dos outros, como sinal de fraqueza... Mas perdoar é mais do que desculpar. A desculpa procura limpar, rapidamente, a nossa imagem e evitar, tanto quanto possível, a ira do outro. É uma espécie de perdão politicamente correcto, que acaba por evitar o mal do outro, numa indiferença, por mera conveniência. O perdão, ao contrário, não ignora a ofensa. Nem evita o outro. Mas procura transformar a ofensa recebida, na oferta de uma nova oportunidade. O perdão busca, no preciso lugar do coração, o encontro dos corações.

**2º.** É, apesar de tudo, mais fácil **pedir perdão... do que oferecer o perdão**... Pedir perdão pode parecer problemático quando na origem está uma culpa própria. Mas se a culpa é do outro, perdoar pode até ser visto como humilhação irracional. Para dar um passo como este é necessário um caminho de conversão interior; é preciso ter a coragem da humilde obediência ao mandamento de Jesus. O próprio Senhor agiu desta forma. Ele espera que o discípulo o siga, cooperando assim na redenção do irmão.

**3º.** **Perdoar não é esquecer**. Porque esquecer é ignorar. É passar ao lado ou por cima. É deitar para trás das costas. Ao contrário, perdoar é recordar. Recordar de maneira diferente. É pôr diante de um e de outro, e os dois diante de Deus, o pecado de cada um. E perceber a comum condição de pecadores e a culpa que nunca é solteira.

**4º** O perdão não fecha o coração, mas também não esconde a cabeça na areia, fingindo que não viu nada... O perdão é intolerante com o pecado e misericordioso com o pecador. Por isso não guarda rancor para com o irmão que falhou, nem permite que as falhas derrubem as possibilidades de encontro, de comunhão, de diálogo, e de partilha....

**5º.** Ninguém dá o que não tem. Só o perdão recebido torna possível o perdão oferecido; só na consciência humilde da necessidade de perdão e na experiência íntima do perdão que se recebe de Deus, é que se pode perdoar. Um coração que não esteja humildemente aberto para pedir e receber o perdão de Deus, tão pouco estará aberto para o oferecer ao seu irmão. A recusa do perdão ao outro, é o primeiro sintoma de que se não foi receptivo ao perdão de Deus.

**6º.** Perdoar é divino. Enquanto dom recebido por Deus, que nos capacita para amar, como Ele ama. Mas perdoar é também humano. Sem o perdão, é impossível viver e conviver. A ofensa que permanece no coração, é uma espécie de vírus que afecta, desafecta e infecta a relação. Só aceitando e concedendo o perdão é que se torna possível uma nova qualidade de relações entre os homens. O perdão interrompe a espiral do ódio e da vingança e rompe as cadeias do mal, que aprisionam e envenenam os corações dos adversários. Não existe outro caminho de sobrevivência e de paz nas relações entre pessoas e povos, a não ser este:  o do perdão recebido e concedido.

**7º.** Invoquemos de Deus, neste início de ano pastoral, um grande e abundante perdão, para os nossos tantos pecados, de pequenos e grandes ódios, de algum rancor ou ressentimento, de alguma mágoa ou ofensa. De alguma pedra no sapato... ou de amarga lembrança na mente, a impedir o nosso caminho de mãos dadas. Que este perdão de Deus nos liberte de todo o fermento da malícia, que turba e perturba as nossas relações uns com os outros. Que este perdão chegue às nossas famílias e a todas as pessoas das nossas paróquias. Que Ele chegue pela mão e pelo coração de quantos vos irão visitar, por estes dias. Para que estejamos sempre dispostos a ir ao encontro, a estender a mão, a recomeçar o diálogo, a dar outra oportunidade... a Deus e a cada um de nós.

XXIV Domingo do Tempo Comum/A

**1.No perdão, falham todas as contas!**

Contas erradas na contabilidade de Pedro. Isto do perdão é mesmo para arrumar com a matemática. Pedro quis embrulhar em números as coisas de Deus e errou na medida. Atirou alto o palpite, julgando-se no «top da misericórdia», e o Mestre resolveu-se a multiplicar por setenta. Exactamente a medida que era prescrita na velha Lei para a vingança. Só que, desta feita, eram setenta vezes sete...vezes a perdoar. Não sei se Pedro se deu ao trabalho da multiplicação. Mas se alguém tiver calculadora à mão, verá que isto de setenta vezes sete são 490 vezes. Ora eu estou convencido de *três coisas* nesta conta: ninguém nos ofende tantas vezes, por muito perito que seja no pecado. E quem é capaz de perdoar uma, duas, três e até sete vezes, perde a conta e é capaz de perdoar sempre. E que se alguém só perdoou uma só vez ou só sete vezes, na verdade nunca soube o que era perdoar. Por isso, em matéria de perdão, a matemática entra em crise. 70x7 é igual a «sempre». No fim, Jesus ainda exige mais: não apenas «sempre», mas também «do íntimo do coração».

**2.Como é difícil perdoar!**

Certamente cada um se revê na pergunta de Pedro e se sente abalado na resposta de Jesus. Todos o sentimos. Perdoar é difícil. Difícil, porque nos parece que ao perdoarmos, damos o braço a torcer e assim ferimos o nosso orgulho. Difícil, porque, ao perdoar, pensamos «dar parte fraca», a ponto de substituirmos a palavra «perdão» pela de «desculpa», que não é senão a palavra certa para um perdão envergonhado. Difícil perdoar, pelo medo que temos de complicar ainda mais a situação. Às vezes contentamo-nos em «esquecer» simplesmente. Mas a dificuldade maior nasce quando a ofensa do outro nos atinge tão fortemente que não nos sentimos capazes de perdoar.

**3. Perdoar «sempre» e «do íntimo do coração» é dom de Deus!**

É bom a gente sentir que só pela força de Deus em nós, nos tornamos capazes de perdoar.

É que, sabeis, perdoar do íntimo do coração, é acolher o outro como Ele é, é aceitá-lo no seu próprio pecado, é reabilitá-lo na sua dignidade, é dar-lhe o que nos tirou. E isto é bem diferente de «passar a esponja no passado».

Perdoar supõe oferecer a oportunidade ao outro de se regenerar e abrir-lhe caminhos novos, possibilidades novas. Foi assim com Cristo, na Cruz. Perdoou oferecendo a Vida, a quem lha tirava. É isto «perdoar do íntimo do coração»! Pagar com o amor o ódio recebido. Dar lugar ao outro mesmo no seu pecado. Amá-lo assim.

E isto, meus amigos, não se faz sem Deus. Por isso, o perdão é um dom de Deus, é obra dEle. Mais: para perdoar é preciso ter feito a experiência do perdão de Deus. É preciso contemplar quanto Deus nos ama, quanto ama cada um, mesmo no seu pecado, quanto ama aquele que me ofendeu e quanto Deus me perdoou também a mim. Nada que se compare aquilo que eu perdoo aos outros. Foi assim com o rei que perdoou ao servo toda a sua dívida. O servo podia unicamente confiar na misericórdia do seu Senhor já que lhe era de todo impossível pagar a sua dívida. Mas, porque não se deixou interpelar e moldar por este perdão de Deus, logo depois vai exigir de seu companheiro a ridicularia de uma dívida insignificante. Daqui se percebe que só mergulhando no amor de Deus e saboreando todo o dom do seu perdão, nós nos tornaremos capazes de perdoar.

Olhemo-nos bem nos nossos limites e aprendamos a largueza do coração de Deus. Perdoar na medida do amor é perder a medida do perdão. Setenta vezes sete é **«sempre»** e do **«íntimo do coração»**!

**Homilia na Celebração do Matrimónio – 24º Domingo Comum A**

Caríssimos noivos:

Estamos, praticamente, a dar início à celebração do XXIV Domingo Comum. Ao ter de escolher os textos para esta celebração do Matrimónio, senti-me impelido, de certo modo, a “não escolher”. Isto é, a deixar que os mesmos textos da Liturgia dominical, nos fossem aqui proclamados, para nossa reflexão. E se há uma palavra que se repete, é, de facto, a palavra “*perdão*”. E se há uma ideia, que nos fica, da escuta dos textos, sobretudo da parábola, é a ideia de «*excesso*». Tudo, no evangelho, nos parece excessivo. Errar ou perdoar setenta vezes sete, parece de mais! Uma dívida de dez mil talentos, é impensável e impossível de saldar. O seu perdão, só é possível, por um excesso de compaixão!

1. Esta era talvez a **primeira nota** que eu gostava de destacar. O perdão é a expressão mais elevada do amor. Não tem em conta o mal feito, nem o bem retribuído. O perdão exige ir além da retribuição ou da reparação. Ninguém “*repara*” de todo o mal que nos fez. Ninguém “retribui” por inteiro, o bem que nos retirou. Ninguém nos paga, a dor sofrida com a ofensa. Por isso, perdoar é sempre um acto de doar… de dar mais que o recebido. Ir além do merecido.

2. A **segunda nota**, decorre da primeira: o perdão é a melhor manifestação do amor excessivo! O amor é sempre excessivo. O amor não faz contas, no ajuste de contas. O amor dá sempre mais que o merecido. Paga sempre mais, que o devido. Vai mais longe, que o exigido. É gratuito. Dá sem esperar a recompensa. Porque o amor basta ao amor.

Por isso, só o amor, é capaz de um verdadeiro perdão. São Paulo disse-o bem: «*o amor tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta*» (I Cor.13,7). O momento de fraqueza de um, é assim, o momento por excelência, da manifestação do amor, por parte de outro. Sem aquele perdão, que dá ao outro o seu próprio ser, que lhe devolve a dignidade perdida, pelo pecado, é impossível viver. Muito menos, viver em relação ou em comunhão de vida e de amor, como é o vosso caso, pelo Matrimónio. Procurai, queridos noivos, o perdão. O Perdão oferecido, antes mesmo de vos ser pedido. O perdão acolhido e reconhecido com humildade. Crescereis no amor, se este perdão for sempre alento e estímulo de perfeição. Aos olhos do mundo, o perdão, pedido ou oferecido, é um “sinal de fraqueza”. Aos olhos de Deus, quem se humilha será exaltado. Quem se eleva, será humilhado!

3. A **terceira nota**, depois da ideia do perdão e do amor excessivo, é retirada da 2ª leitura: “*Nenhum de nós vive para si mesmo e nenhum de nós morre para si mesmo*”… Aqui viestes, procurando cada um servir o outro, tornar pelo dom de si mesmo o outro ainda maior. Esta é, de facto, a lei eterna do amor, expressa por Jesus nestas palavras “*ninguém tem maior amor, do que aquele que dá a vida*”. Dar a vida é, pois, a expressão extrema do amor, que vai até ao fim, até à morte. São João comenta a atitude do lava-pés, de Jesus: «Tendo amado “*os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo*” (Jo.13,1), amou-os até ao fim”. E amou-os, pelo sacrifício do seu Corpo entregue e do seu Sangue derramado. Amou-os dando a sua vida. O amor é sempre dom em excesso, ou, se quiserem, o amor é o excesso do dom de cada um ao outro.

4. E o mesmo texto paulino concluía: «*se vivemos, vivemos para o Senhor*». É a **última nota**: Caríssimos noivos: Casais em Igreja, ou como se dizia nos primeiros séculos “**casais no Senhor**”… Deste modo, o vosso amor se torna “*um sacramento*”, um”*sinal sensível e eficaz*”, daquele Amor, gratuito, fiel e fecundo, com que Cristo nos ama, dando a sua vida por nós. Casais *no Senhor*, recebendo dele a graça divina, que transforma o vosso amor, de um dom recebido, num dom oferecido, até se tornar connosco um dom partilhado. Que a vossa família, hoje instituída, seja sempre verdadeiro lugar do perdão e da festa. Da alegria completa e da abundância do amor excessivo, porque sem medida!

Oração dos Fiéis - XXIV Domingo Comum A 2005

P- Ao Senhor nosso Deus, clemente e compassivo, confiamos as preces do seu povo pecador:

1. Para que a Igreja seja sempre, na palavra e no gesto, sinal humano e divino, do perdão abundante de Deus. Oremos irmãos.
2. Pelos que governam as nações, para que promovam uma cultura do diálogo e da paz, não cedendo nunca à lógica da vingança, do ressentimento, do ódio e da guerra. Oremos irmãos.
3. Pelas famílias divididas pelas ofensas, para que a compaixão se sobreponha ao rancor e o perdão vença o ódio. Oremos irmãos.
4. Pelos professores e alunos, neste início de ano escolar, para que façam da comunidade educativa espaço onde se aprende a fazer, a ser e a viver juntos. Oremos irmãos,
5. Pelas vítimas do terrorismo e pela *conversão* dos seus autores, para que a graça do perdão se difunda pelo mundo como uma onda de Paz e de confiança no futuro. Oremos irmãos.
6. Pelas vítimas do furacão Katrina en Nova Orleans; para que sobre os escombros da tragédia, renasça a bonança de um povo solidário e reconciliado. Oremos irmãos,
7. Por todos nós aqui presentes, para que sejamos capazes de acolher e de partilhar o perdão que vem de Deus. Oremos irmãos.

P. Ouvi, Deus de bondade as nossas preces, não em razão dos nossos méritos, mas segundo a largueza do vosso perdão, que se revelou na Cruz do Vosso Filho Jesus Cristo, Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

**JOÃO PAULO II**

***AUDIÊNCIA***

*Quarta-feira 12 de Setembro de 2001*

**Ontem foi um dia obscuro na história da humanidade**

**mas o mal e a morte não são a última palavra**

Não posso começar esta Audiência, sem expressar a minha profunda dor pelos ataques terroristas que no dia de ontem ensanguentaram a América, causando milhares de vítimas e numerosíssimos feridos. Apresento a expressão das minhas profundas condolências ao Presidente dos Estados Unidos e a todos os cidadãos americanos. Diante de acontecimentos de um horror tão inqualificável, não podemos deixar de ficar profundamente inquietos. Uno-me a quantos nestas horas expressaram a sua condenação indignada, afirmando de novo com vigor que os caminhos da violência nunca conduzem para as verdadeiras soluções dos problemas da humanidade.

Ontem foi um dia obscuro na história da humanidade, uma ofensa terrível contra a dignidade do homem. Logo que tomei conhecimento da notícia, acompanhei com intensa participação o desenvolvimento da situação, elevando ao Senhor a minha premente oração. Como podem verificar-se episódios de crueldade tão selvagem? O coração do homem é um abismo de que, às vezes, emergem desígnios de ferocidade inaudita, capazes de abalar de repente a vida serena e operosa de um povo. Todavia, nestes momentos em que todo o comentário parece ser inoportuno, a fé vem ao nosso encontro. A palavra de Cristo é a única que pode dar uma resposta às interrogações que se agitam na nossa alma. **Mesmo quando a força das trevas parece prevalecer, o crente sabe que o mal e a morte não são a última palavra.** A esperança cristã fundamenta-se nisto; e é aí que se alimenta, neste momento, a nossa confiança orante.

Imploremos ao Senhor para que não prevaleça a espiral do ódio e da violência. A Virgem Santíssima, Mãe de misericórdia, suscite pensamentos de sabedoria e propósitos de paz nos corações de todos. Rogo a Deus que conceda ao povo americano a força e a coragem de que precisa nesta hora de amargura e de provação.

Perdão! Cristo ensinou-nos a perdoar. Muitas vezes e de vários modos Ele falou de perdão. Quando Pedro Lhe perguntou quantas vezes devia perdoar ao seu próximo, "Até sete vezes?", Jesus respondeu que devia perdoar "*setenta vezes sete*" (*Mt* 18, 21 s.). Isto quer dizer, praticamente, sempre: de facto o número "setenta" vezes "sete" é simbólico, e, mais do que uma quantidade determinada, significa uma ***quantidade incalculável, infinita***. Respondendo à pergunta sobre como se deve rezar, Cristo pronunciou aquelas magníficas palavras dirigidas ao Pai: "Pai nosso, que estais no céu"; e entre os pedidos que formam esta oração, o último fala do perdão: "*Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos*" àqueles que são culpados para connosco (="aos nossos devedores"). Por fim o próprio Cristo confirmou a verdade destas palavras sobre a Cruz, quando, dirigindo-se ao Pai, suplicou: "Perdoa-lhes!", "Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem" (*Lc* 23, 34).

"Perdão" é palavra pronunciada pelos lábios de um homem, a quem fizeram mal. Melhor, é a palavra do coração humano. Nesta palavra do coração, cada um de nós se esforça por superar a fronteira da inimizade, que pode separá-lo do outro, procura reconstruir interiormente *o espaço de compreensão*, de contacto e de união. Cristo ensinou-nos com a palavra do Evangelho, e sobretudo com o próprio exemplo, que este espaço me abre não só diante do outro homem, *mas* simultaneamente *diante de Deus mesmo*. O Pai, que é Deus de perdão e de misericórdia, deseja agir precisamente neste espaço do perdão humano — deseja perdoar àqueles que são reciprocamente capazes de perdoar, àqueles que procuram pôr em prática aquelas palavras: "Perdoai-nos... como nós perdoamos".

**O perdão *é uma graça*, na qual se deve pensar com humildade e gratidão profundas. É um mistério do coração humano, sobre o qual é difícil delongar-se.** Todavia quereria deter-me sobre o que disse. Disse-o porque está intimamente ligado ao acontecimento de 13 de Maio, no seu conjunto.

3. Durante os três meses que estive no hospital, era frequente recordar-me daquela passagem do Livro do Génesis, que todos bem conhecemos:

"*Abel* foi pastor; e *Caim*, lavrador. Ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao Senhor uma oferta de frutos da terra. Por seu lado, Abel ofereceu primogénitos do seu rebanho e as gorduras deles. O Senhor olhou favoravelmente para Abel e para a sua oferta, mas não olhou para Caim nem para a sua oferta. Caim ficou muito irritado e o rosto transtornou-se-lhe. O Senhor disse a Caim: 'Porque estás zangado e o teu rosto está abatido? Se procederes bem, certamente voltarás a erguer rosto; se procederes mal, o pecado deitar-se-á à tua porta e andará a espreitar-te. Cuidado, pois ele tem muita inclinação para, ti, mas deves dominá-lo'.

Entretanto, Caim disse a Abel, seu irmão: 'Vamos ao campo'. Porém, logo que chegaram ao campo, Caim lançou-se sobre o irmão e matou-o. O Senhor disse a Caim: 'Onde está Abel, teu irmão?'. Caim respondeu: 'Não sei dele. Sou, porventura, guarda do meu irmão?'. O Senhor replicou: 'Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra. até Mim' "... (*Gén*. 4, 2-10).

4. Voltava-me com frequência à memória, nas minhas meditações no hospital, este texto antiquíssimo, o qual fala do primeiro atentado do homem à vida do homem — do irmão à vida do irmão.

Naquele tempo, portanto, quando o homem que atentou contra a minha vida, era processado e quando recebeu a sentença, eu pensava na história de Caim e de Abel, que biblicamente exprime o "início" do *pecado contra a vida do homem*. Nos nossos tempos, em que este pecado contra a vida do homem se tornou de novo e de modo novo ameaçador, quando tantos homens inocentes perecem às mãos de outros homens, a descrição bíblica do que aconteceu entre Caim e Abel torna-se particularmente eloquente. Ainda mais completa, ainda mais impressionante do que o mandamento mesmo "Não matar". Este mandamento pertence ao Decálogo, que Moisés recebeu de Deus e que está contemporaneamente escrito no coração do homem como lei interior da ordem moral para todo o comportamento humano. Não nos dirá ainda mais do que a absoluta proibição "não matar" a pergunta que Deus dirigiu a Caim: "Onde está o teu irmão?". E imediatamente após a resposta evasiva de Caim, "Sou, porventura, guarda do meu irmão?", segue-se a outra pergunta divina: "Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até Mim!".

5. Cristo ensinou-nos a perdoar. **O perdão é indispensável também para que Deus possa apresentar à consciência humana interrogativos, aos quais espera resposta em toda a verdade interior**.

Neste tempo, em que tantos homens inocentes morrem às mãos de outros homens, parece impor-se uma especial necessidade de nos aproximarmos de cada um daqueles que matam, aproximarmo-nos com o perdão no coração e também *com a mesma pergunta* que Deus, Criador e Senhor da vida humana, fez ao primeiro homem que atentara à vida do irmão e lha tirara — tirara aquilo que é propriedade exclusiva do Criador e do Senhor da vida.

Cristo ensinou-nos a perdoar. Ensinou Pedro a perdoar "setenta vezes sete" (*Mt* 18, 22). *Deus mesmo perdoa,* quando o homem responde à pergunta dirigida à própria consciência e ao próprio coração com toda a *verdade interior da conversão*.

Deixando a Deus o juízo e a sentença na sua dimensão definitiva, não deixemos de pedir: "Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido".

1. Nota estritamente pessoal [↑](#footnote-ref-1)
2. A Homilia poderá valer-se apenas de alguns pontos deste texto: 1ª fórmula: optando pela parte mais teórica (pontos 1-5); 2ª fórmula: depois do primeiro parágrafo, saltar imediatamente para as sete afirmações do ponto 6. 3ª fórmula: ler o texto na íntegra (o que requer especial cuidado na dicção e na atenção dos fiéis) [↑](#footnote-ref-2)